



---

## Estudando fontes documentais e rede de sociabilidade em uma Escola do Ministério da Defesa.

Gilberto de Souza Vianna<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mestre em História da Educação Pela UFPR , Doutorando em História Social pela UFRJ

137

### Resumo

Este artigo objetiva uma reflexão para a interpretação da Escola Superior, procurando debater as questões metodológicas na utilização de fontes seriadas da Escola Superior de Guerra, a formação de bancos de dados partindo dos arquivos da ESG, o trato dos arquivos, o estudo sobre conceitos de redes sociais, sociedade em redes, complexos relacionais e a possibilidade de estabelecer listas nominativas com os registros militares contidos nos arquivos da Escola Superior de Guerra, se mostraram como propostas viáveis a serem consideradas.

**Palavras-Chaves:** ESG, Adesg, Metodologia, Micro- História, História Documental, sociedade em redes.

### Abstract

The following article leads a reflection to interpret the “Escola Superior”, debating the methodological questions in use of the serial sources of the “Escola Superior de Guerra”. The construction and the treatment of the database using the ESG files, the knowledge involving social networks, company networks, relational complex and the possibility to establish nominal lists from militaries records, proved as viable proposals to be considered. from

**Keywords:** ESG, Adesg, Methodologicals ,Micro history, Documental History, Social networks.

Este artigo propõe a ser uma análise de algumas possibilidades para de se realizar pesquisa histórica sobre a Escola Superior de Guerra- ESG assim como das pessoas que contribuíram para a formação desta instituição, durante o decorrer dos anos de existência e como uma instituição que carrega o nome de “Escola” foi organizada como um espaço de sociabilidade entre civis e militares.

A Escola Superior de Guerra no Brasil teve como modelo para sua criação sua congênere americana, a War College. Entender as diferenças apontadas entre a War College, e as características da ESG, não tem se demonstrado uma tarefa fácil, assim como interpretar as características da ESG, bem como sua dinâmica.



As questões metodológicas na utilização de fontes seriadas da Escola Superior de Guerra, a formação de bancos de dados partindo dos arquivos da ESG, o trato dos arquivos, o estudo sobre conceitos de redes sociais, sociedade em redes, complexos relacionais e a possibilidade de estabelecer listas nominativas com os registros militares contidos nos arquivos da Escola Superior de Guerra, se mostraram como propostas viáveis a serem consideradas. Tornou-se importante ainda, o conceito de fronteira étnica em Frederik Barth no livro o “Gugu, o iniciador”.

Partindo de leitura de autores distintos como, Fredrik Barth, Michel Bertrand, Carlos Lozares, Giovanni Levi, Carlo Gizsburg, Charles Tilly e Micahel Mann, pretendo realizar, como está explícito no título, um reflexão sobre as possibilidades de análise e contribuição para a interpretação histórica, política e social da ESG, partindo de leituras realizadas para poder interpretar as razões de criação e sua dinâmica funcional, fazendo um corte temporal abrangendo o período de 1949 a 1961, a fundação da Escola Superior de Guerra (ESG), e o ano do governo do presidente Jânio Quadros<sup>2</sup>.

Como pano de fundo, a ESG possui uma rede associada que ministra cursos e aplica a mesma metodologia de ensino, a ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, fundada em 1951 por ex-alunos e incentivada por Cordeiro de Farias e pelo Almirante Benjamin Sodré, se faz presente em todas as capitais e grandes cidades, ofertando cursos nos mesmos moldes da ESG, assim contribuindo, em muito, para o aumento do número de “estagiários” e compartilham da mesma dinâmica educacional.

### **1. Breve introdução sobre a formação da Escola Superior de Guerra**

No Bairro da Urca na cidade e Estado do Rio de Janeiro, está localizada em uma fortaleza histórica, a Fortaleza de São João, encravada na várzea existente entre o morro Cara de Cão e o Pão de Açúcar, a Fortaleza de São João foi fundada por Estácio de Sá no ano de 1564, junto com a cidade do Rio de Janeiro, com o passar dos séculos a Fortaleza se estabeleceu como parte do complexo fortificado que defendiam a cidade do Rio de Janeiro, com diversas outras construções. Foi em um dos prédios desta fortaleza

---

<sup>2</sup> Último presidente brasileiro eleito antes do movimento de 1964.



que o General Cordeiro de Farias<sup>3</sup>, no ano de 1948 escolheu para ser o sítio das instalações da Escola Superior de Guerra (ESG)<sup>4</sup>.

A Escola Superior de Guerra (ESG) foi pensada pelo General César Obino, em uma visita do General à América do Norte como Chefe da Comissão de Cooperação Brasil – EUA. Em 1946 realiza praticamente uma viagem de estudo para a criação do EMFA<sup>5</sup>, (Estado Maior das Forças Armadas). Ainda enquanto estava nos EUA, teve a oportunidade de visitar diversas Escolas Militares Americanas como o War College e o Industrial College, quando lhe surge a ideia de se criar uma escola nestes moldes no Brasil. Teve então a oportunidade de discutir a ideia da Escola com os oficiais Generais americanos Dwight. D. Eisenhower e Carl Spaatz, Chester Nimitz e, posteriormente, solicitar cooperação para a criação da ESG, (Escola Superior de Guerra) no Brasil. Sobre esta viagem o General Obino, deixa a seguinte impressão:

Durante a minha estada em terras do Tio Sam, tive a oportunidade de observar a modelar organização das forças armadas estadunidenses. Sua organização é maravilhosa e serve de padrão a ser seguido pelas nações militarmente bem constituídas. Um espírito de organização metódica e objetiva é o que se pode verificar imediatamente ao se observar as forças militares de terra, mar e ar dos Estados Unidos. Essa perfeita organização não se observa apenas nas forças armadas norte-americanas, o que demonstra que o povo desse grande país atingiu um elevado nível de civilização. (Muller,2003)

O General César Obino ficou realmente impressionado com a visita que realizou às escolas War College e o Industrial College, a dinâmica das escolas e a forma com que eram ministrados os cursos nessas instituições. Após reuniões que teve com chefes militares americanos e com o próprio Presidente Harry S. Truman volta para o Brasil

<sup>3</sup> O General Cordeiro de Farias tinha participado do Movimento tenentista de 22, da coluna Prestes, foi integrante da Força Expedicionária Brasileira e Primeiro Comandante da Escola Superior de Guerra. 4A ideia inicial era instalar-se nas dependências do Batalhão de Polícia do Exército, na Rua Barão de Mesquita, no Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, porém a escolha do General Cordeiro de Farias caiu nas dependências do CIAC (Curso Integrado de Artilharia de Costa), no Bairro da Urca, dentro da Fortaleza de São João, mais isolada e silenciosa, um local mais apropriado para uma Escola de Altos Estudos.

<sup>5</sup> **Decreto-lei nº 9.107, de 01.04.1946** Cria, como órgão consultivo do Presidente da República, o Estado-Maior Geral, com a atribuição de preparar as decisões relacionadas com o emprego conjunto das Forças Armadas e por **Lei nº 600-A, de 24.12.1948** passa a denominar-se Estado-Maior das Forças Armadas.



---

decidido a organizar uma Escola de Guerra, nos moldes das escolas americanas, e subordinada ao novo Estado Maior das Forças Armadas.

Foram enviados ao Brasil pelo governo americano três oficiais, com objetivo de cooperar na construção da nova Escola de Guerra do Brasil. Os americanos elaboraram um relatório final para implantação da Escola. Segundo o General Cordeiro de Farias, eles pretendiam reproduzir e adotar o regulamento da War College “*sem restrições*”, alegando que o mesmo tinha dado certo nos EUA e daria certo no Brasil, porém não encontrou apoio no pensamento do General Cordeiro de Farias e do próprio General César Obino.

Paralelamente à missão americana de assessoria para a criação da ESG, um trabalho para implantação da ESG realizada por uma equipe do Estado Maior<sup>6</sup> do EMFA (composto pelos irmãos Geisel, Golbery do Couto e Silva e Jurandir Mamede) e foi colocada em prática pelo General Cordeiro de Farias, então o que se convencionou dizer que ela era filha da War College – não se pode negar. Porém, a influência da War College na estruturação da Escola Superior de Guerra é muito menor do que se aparenta. Para comprovar isso, é suficiente um olhar mais atento ao discurso dos pensadores pioneiros da ESG, a começar pelo próprio General Cordeiro de Farias: “*É preciso assimilar nesse ponto que a ESG inspirou-se no War College e no Industrial College, mas tornou-se completamente diferente de ambos por forças das circunstâncias*” e, posteriormente, “*Eu sempre digo: nós somos filhos do War College, admitimos com orgulho esta paternidade, mas não existe nada mais diferente do War College do que a Escola Superior de Guerra.*” (Camargo, 1981)

A Escola Superior de Guerra (ESG) tem sido objeto de estudos acadêmicos, ocorrendo análises com críticas incisivas e apaixonadas, não obstante ser uma instituição ainda jovem, se comparadas com outras instituições do Ministério da Defesa do Brasil, é uma das mais complexas para ser estudada, permitindo várias abordagens possíveis.

A Compreensão da ESG não é simples, mesmo para um militar acostumado com as dinâmicas próprias de suas instituições, assim como é complicado para um pesquisador fazer uma análise seguindo como parâmetro Escolas Militares Tradicionais,

---

6 Grupo de oficiais encarregados de assistir o chefe militar no exercício do comando.

pois corre o risco de ter um resultado superficial nas suas pesquisas. Interpretar a ESG necessita de várias as abordagens em diversos campos de conhecimento assim como Ciências Políticas, Sociologia, História Social, História Demográfica, teoria de redes sociais entre outras.

Entender as diferenças apontadas entre a War College, e as características da ESG, não tem se demonstrado uma tarefa fácil, neste ponto a o Manuseio e exploração de fontes seriadas da história social e econômica se mostrou bastante proveitosa, em apontamentos metodológicos.

## 2 Fontes documentadas e listas nominativas

Os militares, pela característica de sua profissão, são por excelência elaboradores de registros e conseqüentemente elaboradores de arquivos. Praticamente é possível identificar todas as modalidades de documentos citados por Carlos Bacelar em sua tabela de Arquivos e Documentos (Bacelar, 2006), sindicâncias, processo disciplinares, criminais, registros de casamentos, ofícios, registros de óbitos, registros de nascimentos, registros de casamento e listas nominativas.

Quanto à elaboração de listas nominativas são por essência uma atividade militar para recrutamento, controle de efetivo e pagamentos de benefícios, como fala Carlos Bacelar quando trata das listas nominativas.

De início, essas listas foram elaboradas, em São Paulo, para fins de recrutamento militar; mais tarde, já na década de 1790, passaram a registrar a produção econômica, no esforço reformista da política metropolitana. (Bacelar,2006, P.26)

O texto de Carlos Bacelar quando identifica em uma tabela as fontes e os documentos que podem ser encontrados no arquivo, identifica os Arquivos do Poder Executivo levantando os diversos documentos elaborados pela burocracia do executivo, no entanto, talvez por serem alvo de pesquisa relativamente recente, ele não aborda a documentação produzida por unidade militares, que tem uma dinâmica particular, não



obstante, estarem incluídas dentro do Poder Executivo, e produzirem muitos dos documentos citados.

Então acredito que aqui cabe uma rápida explicação dos documentos que podem ser encontrados na ESG. Em unidades militares e neste ponto a ESG, os fatos ocorridos na unidade, de forma diária são registrados em um documento chamado de “boletim diário”, que no final de um período de seis meses são encadernados e colocados em arquivos, a compilação dos registros referentes a um determinado militar, publicados nestes boletins diários são semestralmente repassados ao militar e devidamente guardados, uma cópia em arquivo, a esse registro pessoal é denominado “Alterações”, praticamente um registro individual, registrando suas atividades laborais e civis enquanto estiver na atividade regular a que chamamos de “ativa”.

Nos boletins diários e nas alterações, contém uma série de informações que podem ser de grande utilidade para um pesquisador que se aventura a estudar militares e organizações militares. Neles podem ser encontrados dados como nome, data de casamento, nome da esposa, filiação de ambos, identificação dos filhos, salários<sup>7</sup>, empréstimos contraídos, declaração de residência, elogios, punições, atividades militares, cargos ocupados, formação acadêmica, palestra e cursos que frequentou ou ministrou, tempo de permanência em cada unidade militar etc.

O oficiais e os praças (subtenentes, sargentos e soldados) , juntamente a suas tarefas diárias elaboram um intenso trabalho burocrático, gerando uma farta documentação. exercem ao mesmo tempo, uma profissão e uma organização burocrática. Registrando fatos são criteriosamente, abrangendo toda a vida do indivíduo até sua morte.

Na ESG os “boletins diários”, ganham uma nova dinâmica que, em muito, aumentam as possibilidades de um pesquisador poder auferir ao estudar estas fontes, devido a característica específica da ESG, que era inédita no Brasil até então. A Escola recebia militares das três forças armadas, (Exército, Marinha e Aeronáutica), recebia também militares das forças auxiliares (Policia Militar e Bombeiros) de diversos Estados, porém, o mais inovador é que a escola recebia civis de diversas origens

---

<sup>7</sup> Até 1990 existiam diferenças salariais entre militares do mesmo posto, decorrente de cursos que se realizou e de atividades que o mesmo poderia exercer como ocupar um cargo com atribuições superiores a seu posto e devido a isso ter um acréscimo financeiro e crescer seu salário.



(políticos, empresários, funcionários públicos e profissionais liberais de diversas origens), e para todos mantinha a mesma lógica de registros

Os “Boletins Diários” são fontes inexploradas de dados que se organizados e quantificados, é possível organizar tabelas, que levariam a uma análise histórica quantitativa, permitindo diversas relações, pois indica nome, cor, estado civil, salários, naturalidade, nome, idade, nascimento e óbito assim como estado de origem, permitido desta forma “... *análises bastante ricas e diversificadas das condições de vida cotidiana.*” (Bacelar, 2006, P.28)

Outras informações importantes que constam nos Boletins são as declarações de domicílio dos militares que chegam às Unidades e Organizações Militares. Elas são bem claras informando onde moram e quantas pessoas habitam o domicílio junto com ele. No caso da ESG, isso fica mais rico, pois o registro se aplica aos “não militares e militares de forças policiais e bombeiros de diversos ESTADOS”, permitido auferir a mudanças de bairros residencial com o decorrer do tempo, o que pode significar uma perda do poder salarial dos militares e da mesma forma, analisar o ocorrido com os “não militares que freqüentaram a Escola Superior de Guerra”. Conhecer os domicílios e sua renda.

Só como exemplo, dados tabulados nos arquivos dos Boletins e nos bancos de dados da Seção de secretária acadêmica da ESG, é possível identificar uma mudança de bairro indicados, como local de residência, por policiais e bombeiros que se apresentavam na ESG, no período entre os anos de 1949-1959. 86% de um universo de 156 oficiais policiais e bombeiros que se apresentaram na ESG declararam residência nos bairros do Méier e Cascadura da Cidade do Rio de Janeiro. No entanto, no período de 1999-2009- 76% de um universo de 134 policiais e bombeiros, declararam residência nos bairro da Barra, Copacabana e Botafogo, da cidade do Rio de Janeiro, o que pode demonstrar um relativo aumento de renda salarial por parte deste grupo, ou uma fuga de áreas dominadas pelo trafico de drogas, perguntas que só um cruzamento de dados pode responder..

No entanto, a ESG guarda outra estrutura de arquivos muito relevante e diferente dos Boletins Diários, que poderiam se enquadrar na descrição que Bacelar faz dos arquivos do Legislativo e das possibilidades que eles oferecem.



Para isso, é necessário entender a dinâmica do principal curso da ESG, o Curso Superior de Guerra<sup>8</sup>, para a compreensão é interessante colocar em seqüência:

1. Um conferencista é convidado para ministrar uma palestra no curso, dentro de um módulo específico, esta palestra era gravada em meio magnético, assim como toda a palestra até hoje ministrada na ESG, com a devida modernização a mídia.
2. A Mídia da palestra era datilografada e transformada em um “livreto” catalogado e arquivado.
3. Ainda ao término das conferências são gerados debates no auditório, também registrados da mesma forma.
4. Após uma série de conferências os “Estagiários alunos” vão ser separados em grupos propositadamente mesclados entre civis e militares, eles vão gerar assim os trabalhos em grupo, ou TG- com debates e soluções propostas sobre os temas das conferências.

Dentro desta dinâmica pedagógica, inicialmente do Curso Superior de Guerra, e posteriormente estendido a todos os outros cursos da ESG, foram gerando uma série de documentos que permitem acompanhar os debates e as análises, somando ainda ao posicionamento político de cada grupo, sendo possível identificar o posicionamento individual.

Meu trabalho inicial na construção de um banco de dados é a elaboração de fichas biográficas das turmas, a partir deste levantamento inicial, num processo de análise dentro desta ótica de sociabilidade, e de tentativa de articular uma rede nacional de influência e mobilização, dos arquivos da própria Escola. Além disso, demonstrar que os fundadores da Escola Superior de Guerra, ao pensar em sua criação, não pensavam em uma Escola Militar, mas em um espaço de sociabilidades onde seria possível alimentar uma rede nacional de poder e contatos, concretizada nas ADESG'S<sup>9</sup> e

<sup>8</sup> Apesar de o nome o Curso conter a palavra “guerras” pelo seu programa se assemelha a um curso de gestão e política, do que propriamente um curso de táticas militares.

<sup>9</sup> Associação de Diplomados na Escola Superior de Guerra, instituição fundada em 1959 por Benjamin Sodré, presente desde 1960 em todo território nacional, e que oferece cursos a semelhança da ESG.



fomentando o surgimento de uma elite dentro dos padrões estabelecidos pelas discussões internas da própria ESG.

Não obstante, o trabalho de Stepan (Stepan, 1975) tenta analisar o papel de liderança que os militares assumiram na segunda metade do século XX, justamente após passagem pela instituição, entendendo que a ideologia da ESG se resumia em um conjunto de ideias e procedimentos para a modernização do país, um projeto de “Segurança e Desenvolvimento”. Portanto, em *Os militares na política*, de Alfred Stepan, (Stepan, 1975) observamos que o autor procurou analisar a formação dos oficiais (período de 1945-1964) que ocuparam cargos na burocracia estatal na década de 60, e, principalmente, os que participaram do movimento de 1964.

### 3. Característica: Local de encontro e interação entre civis e militares

Como já dito acima, entre as Escolas Militares<sup>10</sup>, a ESG se distinguiu por ter ser uma Escola que recebe entre seus estagiários, forma como são denominados os discentes da ESG, indivíduos de diversas origens civis e militares, dinâmica escolar inédita no Brasil, dentro do universo das Escolas Militares de altos Estudos, e que chegou a chamar a atenção até entre Oficiais Norte Americanos, como observada pelo próprio comandante da War College, em 1959, quando em visita à ESG:

“Não conheço nada mais diferente do War College do que a Escola Superior de Guerra do Brasil. Mas se vocês me perguntarem qual das duas é a melhor, não tenho condições de responder. Deixo o Brasil impressionado, principalmente com essa junção civil-militar que vocês estão fazendo e com a *maneira descontraída de construir essa ligação*”. (Camargo, 1981)

A pretensão inicial de criar um espaço de debate, sociabilidade e lugar de “fronteira”, entre o meio militar e membros da sociedade civil, me foi útil a reflexão de Frederic Barth, no livro “*O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*” Barth

<sup>10</sup> Entre elas: ECEME – Escola de Comando e Estado Maior (Exército), EGN – Escola de Guerra Naval (Marinha), ECEMAR – Escola de Comando e Estado Maior da Aeronáutica (Força Aérea).



traz uma abordagem sobre a etnicidade e a persistência das fronteiras criadas por partes das unidades étnicas. Onde eu penso que a ESG, por propositadamente ser um local de encontro Civil-Militar pode de alguma forma ser analisada.

Para Barth a etnicidade estaria relacionada com a organização dos grupos étnicos, ela é atribuída pelos próprios autores, e as fronteiras seriam mantidas apesar da movimentação e intercâmbio entre eles, além do que delimitariam a posição do grupo ou indivíduo nas diversas relações. Certas relações estáveis são mantidas através dessas fronteiras baseadas em estatutos étnicos.

Os agentes étnicos, especialmente as associações e círculos, são instauradores de novos quadros de socialização e expressão dos sujeitos, e transformam as narrativas étnicas passadas em sinais diacríticos. Esses são, por sua vez, os signos e símbolos que o grupo cria para se representar, mostrar que é diferente e em certo sentido, “que existe enquanto grupo”. São sinais criados ou inventados que oscilam, não são fixos e podem ser negativos ou positivos, isto é, podem ser exaltados ou ignorados, minimizados e negados pelos membros do grupo.

Ele aborda três principais pontos nos ensaios desta obra.

1- definem os grupos étnicos como categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios autores, organizando assim a interação entre as pessoas.

2- explora os diversos processos que parecem estar envolvidos na geração e manutenção desses grupos.

3- desloca-se o foco de investigação interna aos grupos para as fronteiras étnicas e manutenção delas.

Barth utiliza as fronteiras para compreender as dinâmicas do grupo. Ele dinamiza a identidade étnica afirmando que ela não é estática, se transformando a partir das relações e como qualquer outra identidade, coletiva ou individual, dependendo do interesse, ou contexto. A interação entre os sujeitos e grupos permite transformações contínuas que modela a identidade, em processo de exclusão ou inclusão, determinando quem está inserido no grupo e quem não está. Compartilham diversas características mas principalmente esses grupos se organizam a fim de definir o “eu” e o “outro”. Manifestam-se de maneira a categorizar e interagir com os outros.

Notadamente parto do pressuposto que a estrutura da ESG e da ADESG, no período da sua fundação, foi elaborada com a intenção de sociabilizar uma elite civil e militar e criar um sistema de rede social, objetivando promover a troca material e imaterial entre os atores desta rede.

#### 4. Característica: sociabilidades e rede social

Minha intenção prioritária ao estudar a tipologia das fontes e a documentação existente nos arquivos da ESG (conferências, instruções e boletins internos), é abordar qual o real interesse dos fundadores da ESG, nominalmente os Generais Cesar Obino e Cordeiro de Farias e o Almirante Benjamim Sodré, em não fundar uma “Escola de Guerra” nos moldes dos já existentes Cursos de Estado Maior das Forças Armadas, ou em simplesmente copiar o modelo da *War College* ou *Industrial College*, acredito que a real pretensão em se fundar a ESG seria a criação de um centro civil-militar de formação de interação, um espaço de sociabilidades que se multiplicaria imediatamente após a fundação da escola, em rede nacional através da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior), portanto ao pensar uma escola militar como uma associação de diplomados organizada, que ministra cursos nos moldes da ESG, encontramos outra característica que difere a ESG das outras Escola Militares.

Com Aderaldo (1978), surge a tese de que a ESG teria um objetivo “instrumental propositivo”, que seria a influência nos rumos de governo, propondo políticas para serem utilizadas e implementadas, afirmando que muitas das ideias elaboradas na ESG entre os anos 1950 e 1960 foram incorporadas nos Governos Militares, mas tal prática já havia sido salientada pelo próprio Cordeiro de Farias (Camargo, 1981).

Portanto antes dos debates sobre redes sociais realizados na oficina, tinha-se a pretensão inicialmente de utilizar os estudos de Barnes (Barnes, 1954). Segundo ele, a teoria da rede social é o estudo de como a estrutura social de relações em torno de uma pessoa, grupo ou organização afeta crenças e comportamentos.

Lendo os artigos de Carlos Louzares, me chamou a atenção sobre a análise sobre a extensão da rede social, identificando um dos propósitos do historiador: as lógicas relacionais e as trocas que animam uma rede. Partindo dos atores que a compõem, a



análise de redes leva em consideração que a realidade deve ser concebida e principalmente investigada sob o ponto de vista das propriedades das relações entre e dentro das unidades, em vez das propriedades destas próprias unidades. É uma abordagem relacional.

Para mapear na ESG as prioridades relacionais dos indivíduos, pretendo estabelecer listas desses membros e visitantes, lista de publicações escritas e ações no domínio da vida civil e militar, produzir mapas do movimento de indivíduos e o fluxo de ideias, a fim de avaliar os métodos e vetores de transferência cultural e ideológica de uma rede.

Neste ponto, o artigo de Michael Bertrand, principalmente quando aborda o conceito de “prosopografia”, me pareceu bastante útil quando conceitua que a mesma se destina tradicionalmente ao estudo de “conjuntos sociais coerentes”, formados por indivíduos que compartilham várias características de identidade, como atividade profissional, classe social e responsabilidade político-administrativa. E que a “prosopografia”, apresenta regras de análise onde se realiza um esforço quantitativo para identificar membros de determinado grupo. Ao mapear essas relações, a análise de rede ajuda a descobrir os padrões de comunicação emergentes e informais presentes em uma organização, que podem então ser comparados com as estruturas formais de comunicação. Esses padrões emergentes podem ser usados para explicar vários fenômenos organizacionais.

A comunicação dessas unidades sociais: indivíduos, grupos, organizações e sociedades caracterizam uma rede social como um conjunto de “indivíduos interconectados”, que estão ligados por fluxos de “comunicação padronizados”. Há estudos de análise de redes de comunicação “os vínculos interpessoais criadas pelo corte de informações na estrutura de comunicação interpessoal”, e os “fenômenos sociais que resultam da manutenção de certa regularidade de comunicação” (Luhmann,1996). No entanto, chama a atenção para a evolução caracterizada por Giovane Levy de “prosopografia generalizada”, procurando um corte qualitativo para as análises.

No seu artigo, no livro de Peter Burke, ele fala:

“Neste tipo de investigação, o historiador não está simplesmente preocupado com a interpretação dos significados, mas antes em definir



as ambigüidades do mundo simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais. Assim, a micro-história possuía uma posição muito específica dentro da chamada nova história. (...) Era importante refutar o relativismo, o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interprete os textos e não os próprios acontecimentos.” (Levi, 1992)

Pensando nos arquivos da ESG, a possibilidade uma micro análise pode ser considerada, decorrente das diversas histórias de vida, e da grande quantidade de fontes. Micro-história é uma prática que visa essencialmente a redução da escala de observação, em uma análise microscópica, seguido da investigação intensiva desse objeto.

Por outro lado, a micro-história não é, uma mera verificação de regras macro históricas gerais, de modo que não pode proporcionar exemplos de dados já constatados a nível global. A análise de redes centra-se nas relações entre as pessoas, em vez de centrar-se sobre as características delas. Essas relações podem compreender os sentimentos que as pessoas têm uma pela outra, a troca de informações, ou trocas mais tangíveis, como bens e dinheiro.

“Para a micro-história, a redução da escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado.” (Levi, 1992 )

Para Levi, portanto, o método da micro-história consiste principalmente na redução da escala de análise da investigação para em seguida, estabelecer um jogo entre a dimensão detalhada do enfoque de pesquisa e a escala ampliada do contexto social que lhe atribui sentido e que é enriquecido com as novidades provenientes da micro análise. No entanto, em seu artigo no livro "Jogos de Escalas" é mais uma vez Giovanni Levi quem nos chama atenção para um ponto muito importante nesta questão do foco a ser utilizado, e nos dá indícios de como o pesquisador deve proceder na escolha da melhor escala de análise. Nas palavras do autor:



“A micro-história tenta não sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral.” (Levi, 1992)

Não pensei em trabalhar com micro história ao estudar a ESG, no entanto as possibilidades de realizar um trabalho com essas fontes, faz com que esta abordagem se torna bem interessante, e neste ponto cito novamente G. Levi:

“Não considero que todo problema histórico ganhe em ser tratado em nível micro analítico. De toda forma, o debate que há alguns anos pôs frente a frente os pesquisadores em torno da micro-história contribuiu para torná-los conscientes do fato de que escolher um instrumento analítico que não é neutro, e de que a escala dos fenômenos não está inscrita na realidade. A escala não é um dado preestabelecido, mas resulta de uma escolha estratégica que envolve a própria significação da pesquisa: o que vemos é aquilo que escolhemos fazer ver.” (Levi, 1992)

## Conclusão

Ao iniciarmos este ensaio, observamos que a ESG tem sido objeto de estudo em vários trabalhos acadêmicos Brasil e no Exterior, teses e dissertações. A dissertação de mestrado de Ferraz (Ferraz, 1994), abordando as relações civis-militares praticada na ESG, é uma referência, contudo, especificamente livros publicados sobre ESG são bem raros. Uma das poucas obras sobre o assunto é um livro que tem sido referenciado recorrentemente em estudos da ESG, e trata-se da obra do Juiz Antônio de Arruda (Arruda, 1983), ele que foi estagiário do CSG<sup>11</sup>, que tenta fazer uma análise da evolução

<sup>11</sup> Curso Superior de Guerra, antecessor do atual CAEPE, Curso de Altos Estudos em Política e Estratégia.



da ESG na questão conceitual, analisando conceitos que são caros para a instituição, como Segurança, Defesa, Poder Nacional, e Elite Moral, traçando um histórico da fundação da ESG. Antônio de Arruda teve amplo acesso à documentação na própria ESG.

Nesse locus, pretendo analisar os primeiros anos de funcionamento a ESG (1949-1961), balizado entre a fundação da Escola e o governo de Jânio Quadros, utilizando inicialmente a documentação existente, na própria Escola Superior de Guerra, muitas de caráter reservado e inédito. Demonstrar que os fundadores da Escola Superior de Guerra, ao pensar em sua criação, não pensavam em uma Escola Militar, mas em um espaço de sociabilidades onde seria possível alimentar uma rede nacional de poder e contatos, concretizada nas ADESG'S<sup>12</sup> e fomentando o surgimento de uma elite dentro dos padrões estabelecidos pelas discussões internas da própria ESG.

Estando no início da elaboração da pesquisa, o momento de leitura e de revisão literária se torna necessária, o debate e a bibliografia apresentada colaborou para isso, não obstante utilizar novos teóricos e rejeitar outros escolhidos anteriormente faz parte do processo de pesquisa acadêmica, o problema é tomar o óbvio e o não tão óbvio e situar no contexto da vida das pessoas e instituições a quem estamos estudando e, em seguida, tentar entender o que um amontoado de dados particulares, fontes seriadas e outros elementos está nos dizendo sobre o que aquilo significava para aquelas pessoas e instituições. Este exercício é sem dúvida o mais complexo de uma pesquisa histórica e que indubitavelmente faz com que o trabalho de revisão bibliográfica seja essencial na fase inicial da pesquisa.

## Biografia

ARRUDA, Antônio de. **A Escola Superior de Guerra: história de sua doutrina.** Brasília: GRD/MEC, 1983.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais. Uso e Mau Uso dos Arquivos. In: Pinsky, Carla Bassanezi (Org). Fontes Históricas. 2.Ed, São Paulo: contexto, 2006.

---

<sup>12</sup> Associação de Diplomados na Escola Superior de Guerra, instituição fundada em 1959 por Benjamin Sodré, presente desde 1960 em todo território nacional, e que oferece cursos a semelhança da ESG.



BARRETO, Aníbal (Cel.). *Fortificações no Brasil (Resumo Histórico)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1958. 368 p.

BARNES, J. (1954). **Class and Committees in a Norwegian Island Parish**. *Human Relations*, 7, 39-58.

BARTH, Fredrik, *Process and form in social life*, Vol. 1, London: Routledge e Kegan Paul, 1981.

\_\_\_\_\_, *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro, contra-capá, 2000.

BEAUREPAIRE Pierre-Yves, **La France des Lumières : 1715-1789**, Paris, Belin, 2011.

\_\_\_\_\_, **Franc-Maçonnerie et sociabilité. Les métamorphoses du lien social**, Paris, EMF, 2013.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François (Org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BEIRED, José Luís Bendicho. **Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Um enigma chamado Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

BURGUESS, Mike; WOLF, Daniel. **“Brasil: o conceito de poder na Escola Superior de Guerra”**. *Revista de Cultura Vozes*. Rio de Janeiro, nº 5, jun/jul, 1975.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: UnB, 2002.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Estado, Governo, Sociedade – Para uma teoria geral da política**. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CAMARGO, Aspásia e GÓES, Walder. **Meio Século de Combate: diálogo com Cordeiro de Farias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do Desenvolvimento. Brasil: JK-JQ**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CASTELLS, M. . **A sociedade em rede**. 2º vol. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.





CASTELLO BRANCO, Carlos. **A Renúncia de Jânio – Um Depoimento**. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

CASTRO, Celso. **Os Militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

COUTO E SILVA, Golbery do. **Planejamento Estratégico**. Brasília: UnB, 1981.

DURKHEIM, É. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado*. Ação política e golpe de classe. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

DULCI, Otávio Soares. **A UDN e o anti-populismo no Brasil**. Belo Horizonte, UFMG, 1986.

FERRAZ, Francisco Cesar Alves. **À Sombra dos Carvalhos: militares e civis na formação e consolidação da Escola Superior de Guerra**. Dissertação de Mestrado. Unesp, 1994.

FAUSTO, Boris. **O pensamento nacionalista autoritário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FRAGOSO, João. **Apontamentos para uma metodologia em História Social a partir de assentos paroquiais** ( Rio de Janeiro, Séculos XVII e XVIII). In : FRAGOSO & Sampaio (Orgs.) *Arquivos paroquiais e História Sociais na América Lusa. Métodos e Técnicas de pesquisa na Reinvenção de um corpus documental*, Rio de Janeiro; Mauad X, 2014., P. 21-126

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. **As elites brasileiras e a Escola Superior de Guerra**. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, Departamento de História, 1985.

GASPARI, Hélio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GELLNER, Ernest. **Nações e Nacionalismo**. Lisboa: Gradiva, 1993.

GRENDI, Edoardo. **Microanálise e História Social**, in OLIVEIRA, Mônica Ribeiro & ALMEIDA, Carla Maria Carvalho, *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Ed FGV, 2009;

GRYNSZPAN, Mário. **Ciência política e trajetórias sociais: uma sociologia histórica da teoria das elites**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. 255p.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



- HUNTINGTON, Samuel P. **O Soldado e o Estado. Teoria e Política das Relações entre Civis e Militares.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1996.
- JANOWITZ, Morris. **The Military in the Political Development of New Nations.** Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1964.
- MACHADO, Cacilda. **A inserção social de Negros, índios e bastardos a partir de registros de óbitos** ( Planaltos Paranaenses na primeira metade do século XXIII). in. Revista de História Regional, V. 15, n.2, dez 2010. ponta grossa: UEP.
- McCANN, Frank D. **A Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945.** Tradução Jayme Taddei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A Nação Armada: ensaios sobre a história do Exército brasileiro.** Tradução: Sílvio Rolim. Recife: Guararapes, 1982.
- \_\_\_\_\_. **The Professional Soldier: a social and political portrait.** New York: Free Press; London: Coolier-Machilan, 1971.
- MOTTA, Jehovah. **Formação do Oficial do Exército: currículos e regimes na Academia Militar, 1810-1944.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- MULLER, Eduardo Cunha. **Marechal Salvador César Obino, Esboço Biográfico.** AHIMTB/RS, 2003.
- LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história” In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- LUHMANN, N. & DE GEORGI, L. **Teoría de la sociedad.** Guadalajara, Ed. Universidad de Guadalajara: 1996.
- OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de (Org.). **Militares: pensamento e ação política.** Campinas: Papyrus, 1987.
- ROCHA, Maria Selma de Moraes Rocha. **A Evolução dos Conceitos da Doutrina da Escola Superior de Guerra nos anos 70.** Dissertação de Mestrado. FFLCH- Departamento de História, USP, 1996.
- STEPAN, Alfred. **Os Militares na Política. As mudanças de padrões na vida brasileira.** Rio de Janeiro: Artenova, 1975.
- SCHIMITT, Carl. **O conceito de político.** Petrópolis: Vozes, 1992.